



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Editorial

### Por uma educação como cuidado de si

**Por:** Daniel Salésio Vandresen<sup>1</sup>

daniel.vandresen@ifpr.edu.br

*“Aprendo contigo mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar”.*

*(Clarice Lispector)*

O presente número da publicação eletrônica da Revista IΦ-Sophia, que chega ao seu 13º número, tem como objetivo discutir a temática “Avaliação da aprendizagem, ensino e educação”. Dentre os diferentes artigos dessa edição procurou-se contribuir para o debate, sempre necessário, de repensar nossas práticas educacionais.

A constatação de Lispector (1998) de que “aprendi o que você nem sonhava em me ensinar” evidencia que a tarefa de ensino-aprendizagem não é tão simples, mas que implica diferentes relações que nem sempre levamos em consideração nos processos de formação educacional. Nosso debate em torno do processo de ensino-aprendizagem é

---

<sup>1</sup> É doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Marília – SP, é Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Toledo – PR, é Especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR e Graduado e Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE – Brusque – SC. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Coronel Vivida – PR. É Coordenador Financeiro, professor, pesquisador, parecerista e Membro do Conselho Editorial do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR e da “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”, atuando na Linha de Pesquisa sobre Filosofia. É Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre O ensino de Filosofia no Ensino Médio Técnico do IFPR: questionemos nossa experiência com a técnica. É integrante do Projeto de Pesquisa sobre Filosofia, Ciência e Tecnologia. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional e internacional. É coautor dos livros “Filosofia Contemporânea: Deleuze, Guattari e Foucault” (2013), coautor e coorganizador do livro “IΦ-SOPHIA UMUARAMA: filosofia, educação e autonomia” (2015) e coautor do livro “Filosofia francesa contemporânea” (2015).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

atravessado por diferentes perspectivas teóricas, políticas e sociais sobre finalidades, o que ensinar, como ensinar e avaliar. No entanto, algo ainda permanece pouco agregado as práticas educacionais, a saber: o *cuidado de si*. Segundo Alexandre S. Freitas (2013, p. 326) tradicionalmente a educação tem incorporado os termos sujeito e subjetividade, mas a noção de *si mesmo* permanece ausente das reflexões pedagógicas.

Ao percorrer a história, dos gregos a nossa época, o filósofo Michel Foucault resgata o conceito grego do cuidado de si (*Epimeleia heautou*) como modo de nos constituirmos em práticas que visam a liberdade. Conceito que compõe o subtítulo do terceiro volume de sua obra *História da Sexualidade*, na qual descreve como os gregos e os estóicos vivenciaram uma ética de austeridade. Suas práticas morais, que se realizavam em uma ascese cotidiana, visavam moldar a vida para se tornar bela, ou seja, para servir como exemplo. “É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral de renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo, através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (FOUCAULT, 2012, p. 259).<sup>2</sup> Embora, a primeira vista, em nossa sociedade individualista o termo cuidado de si possa aparecer como sinônimo de egoísmo, pelo contrário, apropriando-se do sentido grego que visava a formação do cidadão para a polis, o cuidado de si torna-se um fundamento para o acolhimento do outro. Isto porque, para Foucault é preciso primeiro cuidar de si para, então, estar preparado para cuidar dos outros. Se faz necessário primeiro produzir “condutas pelas quais poderemos efetivamente cuidar dos outros. Começamos porém

---

<sup>2</sup> Foucault desenvolve no curso de 1981/82, intitulado *A Hermenêutica do Sujeito* (2004), um estudo sobre a história do cuidado de si (*Epimeleia heautou*), também denominada de história das técnicas de si, no qual aponta seu início com o modelo platônico do princípio socrático do “conhecimento de si mesmo” (*gnônai heautoû*) e tendo seu apogeu no período helenístico e romano nos séculos I e II d.C., onde o cuidado de si visava a autonomia do indivíduo por meio de práticas que tinham como principal objetivo a transformação de si em busca de um estilo de existência. Ao resgatar o sentido grego da questão ética como um modo de conduzir a vida, Foucault encontra uma linha de fuga para os modos de vida normalizados da vida moderna.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

por cuidar dos outros e tudo estará perdido” (2004, p. 244).

Intensificando essa relação com a vida, para Nietzsche, no texto *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador* (2011, p. 161-259), o homem contemporâneo não está preocupado com a questão sobre “por que vivo?” (idem, p. 202), ou se responde, o fazem de modo rápido e orgulhoso para se tornar um bom cidadão, um erudito, homem de Estado. E refletindo sobre a singularidade da existência e da vida afirma: “o homem contemporâneo compreende sua vida senão como um ponto do desenvolvimento de uma espécie ou de um Estado ou de uma ciência, e que portanto integra-se plenamente a história do devir” (idem, p. 203). E assim, participa de um jogo em que “este eterno devir é um jogo de marionetes mentiroso, onde o homem se esquece de si mesmo” (idem, p. 203). E acrescenta perguntando: “Não são todas as disposições do homem ordenadas para que, numa dispersão constante de pensamentos, a vida não seja *sentida*? Por que quer ele tão firmemente o contrário, quer dizer, justamente sentir a vida, quer dizer, sofrer a vida?” (idem, p. 203). Assim, o autor apresenta a ideia de que a educação, principalmente a filosofia, precisa se desenvolver como problematização da vida em sua dimensão trágica.

Nietzsche ainda afirma que “todo mundo sabe que só se vive uma vez” (2011, p. 161) e, por isso, sabem que é preciso viver cada momento como se fosse o último. Desse modo, pode-se afirmar que a singularidade da vida não está na vida mesma, como se existisse algo como a essência da vida que precisa ser buscada como o sentido para a vida, mas deve estar no modo como somos afetados por uma experiência trágica na contingência que é próprio do vivente. Isso também para Foucault, para o qual o cuidado de si é uma maneira de praticar a ontologia de nós mesmos em que, ao mesmo tempo, constitui o que há de comum em nossa existência e também possibilita ensaiar nossas singularidades. “É a mesma vida, não é a vida mesma” (1999, p. 72). A “mesma vida” significa a singularidade e contingência a que todos estamos sujeitos. Para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Foucault um modo de pensar a singularidade da vida é compreendê-la como uma existência errante, ou seja, um desvio, uma deficiência ou mesmo o erro, como quer que se chame o que foge dos padrões estabelecidos da normalidade eficiente que governa nosso modo biopolítico de viver. A existência errante não deve ser considerada como um atraso, mas como uma dimensão peculiar da vida.<sup>3</sup>

Tradicionalmente se considerou o erro como o negativo da verdade, sendo a verdade pautada como fundamento essencial da vida. Principalmente na modernidade em que as diferentes ciências e as formas de governo biopolíticas objetivam construir uma verdade eficiente do agir humano. Em outra perspectiva, a partir Foucault (este influenciado por George Canguilhem), se concebe o erro como uma historicidade da vida, como uma manifestação da vida em seus desvios de uma vida errante e, que se expressão não apenas em desejos e decisões diferentes dos considerados normais, mas também em situações limites como a loucura, as doenças, as deficiências ou outras expressões extravagantes, enfim, são as experiências que problematizam a pobreza das relações normalizadas. No processo de ensino, quando se concebe o erro sob o primeiro aspecto, sempre é considerado como um desvio negativo, que impede o aluno de atingir os objetivos e a produção de resultados<sup>4</sup>; sob o segundo aspecto, o erro passa a ser

---

<sup>3</sup> Foucault recebe a influência da leitura das ciências da vida, principalmente da biologia e da medicina realizada por George Canguilhem, para o qual “[...] o erro é a contingência permanente em torno do qual se desenrola a história da vida e o futuro dos homens” (FOUCAULT, 2005, p. 365). Para Foucault, o pensamento de Canguilhem expressa a mobilidade da vida, em que o ato de errar faz parte de um vivente que nunca se encontra completamente adaptado (FOUCAULT, 2005, p. 364). Na mesma perspectiva, a Revista *Super Interessante* (junho de 2017) publicou uma reportagem sobre o funcionamento do cérebro, no qual se evidencia que o erro faz parte do própria atividade cerebral. E que estudos estimam que os neurônios falham em 71% das vezes que disparam e que “alguns cientistas acreditam que os erros elétricos do cérebro, que alteram de forma imprevisível as informações transmitidas entre neurônios, estejam entre os responsáveis pela criatividade humana” (SANTI; LISBOA; GARATTONI, 2017).

<sup>4</sup> Com isso, não queremos dizer que no ensino e na atuação profissional não tenham que ter como um de seus princípios que se evite a ocorrência do erro, do qual se pode produzir consequências nocivas no convívio social. Antes, o que se quer enfatizar é que a predominância de uma educação eficiente tem negligenciado certa dimensão da formação humana que é indispensável para uma relação interpessoal de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreendido como um modo constitutivo da contingência da vida e, assim, como um outro modo de aprender que nos desloca do atual modo de ser e nos impulsiona a se constituir diferentemente.

Conceber a vida como errância é estar atento ao caminho e não somente ao resultado. E nesse sentido, o desvio passa a ser tomado como mais um modo de produção de sentido singulares. Errar não é algo que me desvia do verdadeiro, ao contrário, faz parte da verdade da minha vida e do que sou. Foucault denominou esta forma de compreender a vida como estilística da existência, a qual define como “[...] um estudo das formas pelas quais o homem se manifesta, se inventa, se esquece ou se nega em sua fatalidade de ser vivo e mortal” (2011, p. 474). No entanto, isso não significa que tenho que ter uma atitude de vida guiada pelo desejo em errar, antes, uma atitude de concebê-lo como integrante da imprevisibilidade da vida. Reconhecer o erro como parte integrante da vida é indispensável para um modo de vida guiado pelo cuidado de si, pois assumir o risco de errar, como uma contingência incontornável do agir sobre si mesmo, é fundamental para conceber a vida como um ensaio.

A partir do registro foucaultiano, outra característica importante no exercício sobre si é a atividade do trabalho crítico, o qual implica “um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade” (2005c, p. 351). Pensar a educação como um trabalho paciente sobre si, salienta que o processo de problematização exige dar-se tempo e permite combater um ensino que alicerçado em produzir respostas visa apenas a economia de tempo. É preciso ruminar, diz Nietzsche<sup>5</sup>. Como exercer esse trabalho paciente da problematização de si, se somos atropelados por um tempo multifacetado e

---

acolhimento da diferença.

<sup>5</sup> “É imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o ruminar...” (NIETZSCHE, 1998, p. 15). E em *A Gaia Ciência* acrescenta que o trabalho de criação de si exige um exercício paciente, como afirma: “*uma única coisa é necessária. – ‘Dar estilo’ ao seu carácter... é uma arte deveras considerável que raramente se encontra! [...] um paciente exercício e de um trabalho de todos os dias*” (NIETZSCHE, 2000, §290, p. 181-182).

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

produtivo? Como dar tempo a vida se prevalece na educação uma relação mecânica com o tempo? É preciso fazer uma experiência de tempo em que o tempo não conta, ou seja, um tempo que não deve ser medido, como por exemplo, na concepção de que na avaliação é preciso ter dia e hora marcada para se pensar e produzir resultados. E se faz necessário combater esse modo de proceder característico de nossa época em que a intensificação das técnicas para economia do tempo induzem a se evitar qualquer tipo de problematização sobre si.

O atual momento em que crescem comportamentos de intolerância exige que repensemos o predomínio de uma educação para a criação de competências produtivas e busquemos uma formação de modos de vida guiadas pelo cuidado de si e do outro. Diante desta perspectiva, convidamos o leitor a mergulhar nos diferentes artigos desse volume e cultivar uma certa paciência crítica capaz de provocar uma atitude de impaciência que possa nos conduzir a transformação das práticas educacionais conservadoras.

### Referências

- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade - Cuidado de Si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Raymond Rousel**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- FREITAS, A. S. “A *parresía* pedagógica de Foucault e o *êthos* da educação como psicagogia” In **Revista Brasileira de Educação**. v. 18, n. 53 abr.-jun. 2013, p. 325-493.
- LISPECTOR, C. **Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <<https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2015/07/uma-aprendizagem-ou-o-livro-dos-prazeres-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: 11 de nov. 2017.
- NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.



$I\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

\_\_\_\_\_ **Escritos sobre educação.** Rio de Janeiro: PEC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_ **Genealogia da Moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTI, A.; LISBOA, S.; GARATTONI, B. 7 **Mistérios do cérebro – e as respostas da ciência para eles.** *Super Interessante*, ed. 375, junho de 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/7-misterios-do-cerebro-e-as-respostas-da-ciencia-para-eles/>>. Acesso em: 02 dezembro 2017.